

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**LUX PRÉMIO DO PÚBLICO 2024**  
**14 de Fevereiro de 2024**

**DAS LEHRERZIMMER / 2023**  
**(A Sala de Professores)**

*Um filme de Ilker Çatak*

Realização: Ilker Çatak / Argumento: Ilker Çatak e Johannes Duncker / Direcção de Fotografia: Judith Kaufmann / Música: Marvin Miller / Som: Max Bauer e Wolfi Muller / Montagem: Gesa Jäger / Interpretação: Leonie Benesch (Carla Nowak), Anne-Kathrin Gummich (Bettina Böhm), Leonhard Stettlich (Oskar Kuhn), Eva Löbau (Friederike Kuhn), Michael Klammer (Thomas Liebenwerda), Rafael Stachowiak (Milosz Dudek), etc.

Produção: If... Productions – ZDF - ARTE / Produtor: Ingo Fliess / Cópia digital (DCP), colorida, falada em alemão com legendas em português / Duração: 98 minutos / Inédito comercialmente (Estreia em Portugal prevista para o dia 22 de Fevereiro).

\*\*\*

Alguns espectadores terão visto um grande filme alemão recentemente estreado sobre a escola e o espaço escolar, **Herr Bachmann und Seine Klasse**, de Maria Speth. O filme de Speth, um documentário, era um olhar positivo, confiante, sobre o poder da escola como elemento de unificação e comunhão de todas as diversidades, sociais, étnicas, ou de outro tipo, que a habitam, e portanto uma profissão de fé na instituição escolar como pilar da vida democrática. Sem ter a grandeza desse filme, mas sendo obra bastante inteligente tanto no que propõe como na maneira como o propõe, **Das Lehrerzimmer** é uma espécie de contraponto da visão de Speth, que passa o espaço escolar através de um espelho deformado, e em vez de unificação e comunhão encontra apenas divisão, e uma divisão que, como os pedaços de um espelho partido, não gera nada a não ser múltiplos reflexos de si própria.

Claro que, em alguma medida, ambos os filmes falam em primeira instância do espaço escolar alemão (no caso de **Lehrerzimmer**, uma escola de Hamburgo), que ninguém por estas bandas conhecerá em pormenor, sendo certo que as suas especificidades, sem deixarem de o ser, terão certamente ecos noutras quadrantes, noutras latitudes, porque o que está em causa será acima de tudo a forma como a organização social se projecta no espaço escolar, enformando-o. Exactamente por isso, **Das Lehrerzimmer** acaba por tender progressivamente para uma relativa abstracção. Os “particularismos” são importantes, por exemplo a composição multi-étnica das turmas (Ilker Çatak, realizador nascido em Berlim em 1984, é ele próprio um filho da imigração turca), e os consequentes fantasmas do racismo: o primeiro suspeito dos roubos misteriosos que sucedem naquela escola é o garoto filho de imigrantes turcos, e mesmo que ele seja ilibado permanece a pairar o fantasma da discriminação, aliás reavivado lá para o final e pelos próprios miúdos (são eles, miúdos de 12 ou 13 anos, que introduzem no filme a expressão “racismo estrutural”). Mas se os particularismos são importantes, não são por isso o centro do filme; antes, o relato da progressiva desordem e dissensão que um

acontecimento traumático (os roubos) pode trazer, como uma infecção descontrolada, a um espaço fortemente regulado (todas as alusões a procedimentos, regras, códigos de conduta, o que se pode fazer e o que se deve fazer: a escola de **Lehrerzimmer** não será metáfora nem microcosmos, mas não deixará de ser “maquette” de um modelo de sociedade que depositou na extrema regulação todas as esperanças de auto-defesa).

Como uma infecção, de facto, a dissensão alastra pela escola, qual vírus a avançar por um corpo desprotegido, e afecta tudo a todos os níveis – as relações entre professores, as relações entre alunos, as relações entre professores e alunos, entre professores e pais dos alunos. Não é a anarquia, nem qualquer espécie de euforia libertária, de algumas visões cinematográficas da escola (uma das entidades produtoras do filme tem a designação de If..., que é obviamente uma alusão ao célebre filme homónimo de Lindsay Anderson), antes qualquer coisa de bem mais seco e de mais improdutivo do que isso, como um bloqueio absoluto. Nesse sentido, a personagem central (a professora interpretada por Leonie Benesch) é quase uma heroína de burlesco, na forma como todas as suas boas intenções e vontade de resolver problemas resultam em mais problemas e numa tendência para que as boas intenções sejam mal interpretadas. **Das Lehrerzimmer** é, aliás, como um contra-anúncio a uma carreira na docência, não será propriamente um filme para recrutar professores nem que dê grande vontade a alguém de enveredar por essa profissão...

Para terminar, dois ou três aspectos que são uma boa medida da inteligência prática com que o filme foi feito. A quase total ausência de informação sobre o que as personagens são fora da escola: da protagonista, por exemplo, mal sabemos como vive, se tem cônjuge, família, do que é que gosta ou do que faz quando não está na escola – interessa, muito pragmaticamente, como personagem de “acção”. E é em “acção”, literalmente, que a vemos durante grande parte do tempo, a calcorrear os corredores e as escadarias da escola, em corridas de gabinete em gabinete, de porta em porta, de sala em sala, uma espécie de gincana em circuito fechado que é reforçada pelo facto de praticamente não haver (ou não haver de todo) qualquer plano filmado fora da escola. E finalmente, last but not least, a enorme ambivalência do olhar sobre os miúdos, por exemplo nas cenas em que confrontam abertamente a professora, como se se tratasse de filmar uma geração que, ao contrário das gerações anteriores, *sabe* que tem um poder dentro do espaço escolar, e o usa. É de onde vem a nota de ambiguidade com que o filme se conclui, aqueles planos finais com o garoto Oskar a ser transportado para fora da escola pelos polícias, sentado na sua cadeira como um rei na sua liteira

Luís Miguel Oliveira